



**XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

EPISTEMOLOGIA, FEMINISMO E DESCOLONIALIDADE: APORTES TEÓRICOS PARA UMA ANÁLISE DE LIBERTAÇÃO

Sérgio Antônio Silva Rêgo

santoniorego@gmail.com

Instituto de Ciências Sociais - Universidade do Minho

Brasil

Allene Carvalho Lage

allenelage@yahoo.com.br

Universidade Federal de Pernambuco – Centro Acadêmico do Agreste

Brasil



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

RESUMO

O movimento feminista possui, em seu cerne, uma capacidade de identificação com as causas sociais mais gerais que faz com que o mesmo consiga se manter atual e dinâmico, sobretudo na América Latina com a pluralidade de ideias que o movimento consegue agregar. Englobando diversas frentes de atuação e em temporalidades distintas, com novas epistemologias, criando assim uma nova vertente de pensamento, uma epistemologia fundante. O feminismo visualiza e adquire metodologias novas, epistemologias são adicionadas e o conteúdo se mantém atual. Essa atuação empreendida pelo movimento em várias frentes se dá, a partir, da necessidade de observação e interferência nos mais variados setores da sociedade. O seu objeto de análise não se limita a um estrato social, a uma etnia específica ou mesmo a um único gênero. Buscando, mediante análise bibliográfica, evidenciar essas conquistas e métodos do feminismo latino-americano.

Palavras-chave: Epistemologia feminista; feminismo descolonial; feminismo latino-americano.

RESUMEN

El movimiento feminista posee, en su núcleo, una capacidad de identificación con las causas sociales más generales que hace que el mismo consiga mantenerse actual y dinámico, sobre todo en América Latina con la pluralidad de ideas que el movimiento logra agregar. Englobando diversos frentes de actuación y en temporalidades distintas, con nuevas epistemologías, creando así una nueva vertiente de pensamiento, una epistemología fundante. El feminismo visualiza y adquiere metodologías nuevas, las epistemologías se agregan y el contenido se mantiene actual. Esta actuación emprendida por el movimiento en varios frentes se da, a partir, de la necesidad de observación e interferencia en los más variados sectores de la sociedad. Su objeto de análisis no se limita a un estrato social, a una etnia específica o incluso a un solo género. Buscando, mediante análisis bibliográfico, evidenciar esas conquistas y métodos del feminismo latinoamericano.

Palabras clave: Epistemología feminista; feminismo descolonial; feminismo latinoamericano.



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

ABSTRACT

The feminist movement has at its core an identification capacity with the most general social causes that makes it possible to remain current and dynamic, especially in Latin America with the plurality of ideas that the movement can add. Encompassing several fronts of action and in different temporalities, with new epistemologies, thus creating a new strand of thought, a founding epistemology. Feminism visualizes and acquires new methodologies, epistemologies are added and the content remains current. This action undertaken by the movement on several fronts is based on the need for observation and interference in the most varied sectors of society. Its object of analysis is not limited to a social stratum, a specific ethnicity or even a single gender. Searching, through bibliographical analysis, to highlight these achievements and methods of Latin American feminism.

Key words: Feminist epistemology; decolonial feminism; feminism.



XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O movimento feminista possui, em seu cerne, uma capacidade de identificação com as causas sociais mais gerais que faz com que o mesmo consiga se manter atual e dinâmico. Englobando diversas frentes de atuação e em temporalidades distintas. Ele visualiza e adquire metodologias novas, epistemologias são adicionadas e o conteúdo se mantém atual. Essa atuação empreendida pelo movimento em várias frentes se dá, a partir, da necessidade de observação e interferência nos mais variados setores da sociedade. O seu objeto de análise não se limita a um estrato social, a uma etnia específica ou mesmo a um único gênero.

A América Latina, nesse cenário de atuação, se propõe enquanto um vasto e fértil campo de investigação, inserindo ainda a noção de descolonialidade juntamente com a perspectiva feminista para somar forças e trazer novas percepções de atuação e resistências às ordens amiúde estabelecidas (Cf. CURIEL, 2009; LUGONES, 1987, 2011). O combate à discriminação étnica, social, colonial, a violência contra a mulher, as minorias sociais, as discussões sobre o papel das/dos idosas/os, entre tantas outras, são pautas constantes do movimento feminista no continente, que associasse, em momentos diversos, a interesses e problematizações que estão sendo desenvolvidas em outros espaços-tempos distintos, demonstrando assim a globalização de uma agenda que urge ser amplamente debatida. Nessa perspectiva, salienta Valdivieso (2012, p. 38) “*Ante las nuevas situaciones, las feministas plantean viejas interrogantes que tienen como trasfondo las demandas de inclusión y reconocimiento de las diversidades*”.

O combate as concepções de opressão, os diversos sinônimos para expressar o machismo, tais como: patriarcado e colonialidade entre outros, são objetos de observação e estudos do movimento, sobretudo em sua terceira fase. Como nos demonstra Lagarde (2011, p. 111)

La cultura femenina es producto de la condición de la mujer. A partir del feminismo se da una fractura en la concepción del mundo filosófica: el ser mujer es producto de lo concreto histórico; es diferente, distinto y no opuesto al ser hombre [...] Con el feminismo se inicia un humanismo de fondo. Aquel que plantea la superación del antagonismo más profundo de los seres humanos: el extrañamiento genérico.

Essa ruptura, provocada pelo movimento feminista, trouxe outras abordagens à política, por sua mais nova transversalidade de temas, o que denominados de interdisciplinaridade. Novas



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

abordagens e problemáticas surgem. Há um aprofundamento teórico do movimento, um embasamento maior em relação a estruturação de suas ideias que auxiliam na articulação das mais diversas ações. Essa imagem é legitimada também pelas análises de Alonso e Díaz (2012, p. 89) que, para ambos,

...las ciencias sociales, el concepto o la perspectiva interseccional impele a análisis complejos sobre las diferentes formas de opresión y las maneras en que la 'herida colonial' se encarna en cuerpos situados geohistóricamente en procesos particulares y locales. También para el activismo político anticolonial resulta fundamental la lucha antirracista y antipatriarcal.

EPISTEMOLOGIA FEMINISTA

A contribuição da discussão de gênero foi profunda para o feminismo, enquanto movimento, o que motivou a ampliação de maneira substancial de suas investigações, assim como em sua epistemologia, que faz parte da inclusão do mesmo como objeto de análise da ciência. Conforme De Barbieri (1998, p. 112) o feminismo enquanto movimento político e intelectual questiona modelos propondo que haja uma profunda mudança de mentalidade. Para tanto, a autora adverte que

la emergencia de los movimientos feministas y de mujeres trajo una serie de problemas a la discusión, en la que se confunden muy diversos planos: aspectos técnicos relativos a la recolección de información y al nivel del análisis; cuestiones teórico-metodológicas; otras propiamente epistemológicas; cuestiones éticas, y sobre todo políticas, de muy distintos órdenes – desde el sexismo en la institucionalidad científica hasta qué hacer con los resultados de las investigaciones. En consecuencia, las propuestas que se hicieron fueron, desde acabar con la academia hasta continuar haciendo investigación dentro de los marcos positivistas tradicionales.

Scott (1995, p. 3) nos informa que “Não é exagerado dizer que, por mais hesitantes que sejam os passos iniciais, esta metodologia implica não apenas em uma nova história das mulheres, mas em uma nova história”. A utilização da categoria gênero, apontada por Lagarde (1996, p. 15) deve levar em consideração as dinâmicas sócio históricas das diversas realidades pesquisadas, sem essa premissa, a investigação que contribua para uma mudança epistemológica torna-se cada vez mais distante. Matos (2002, p. 247) corrobora com essa visão apresentada, segundo a autora

Os estudos de gênero vão de encontro a certas tendências que questionam a concepção de evolução linear e progressista e a do tempo vinculado a leis de mudanças e prognósticos do



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

futuro. Procurando acabar com a segmentação entre passado e presente, os estudos de gênero contribuíram para a ampliação do objeto de conhecimento, levando à descoberta de temporalidades heterogêneas, ritmos desconexos, tempos fragmentados e discontinuidades, descortinando o tempo imutável e repetitivo ligado aos hábitos, mas também o tempo criador, dinâmico e das inovações, focalizando o relativo, a multiplicidade de durações que convivem entre si urdidas.

O patriarcado é uma perversa herança colonial que persiste de maneira concreta em nossa realidade. Esse elemento é marcado como fonte de profunda opressão pelo movimento feminista, sendo uma categoria fruto de controvérsias.¹ Com relação a pertinência temática relativa aos estudos acerca do patriarcado Lagarde (2011, p. 117) destaca que

Las cualidades positivas para quien detenta el poder patriarcal son negativas para quienes están sujetos a él. Otros grupos y categorías sociales que están bajo el poder patriarcal se definen en torno a características genéricas (en particular de preferencia erótica) de edad, de salud y de plenitud vital. Por ello, además de las mujeres y los homosexuales de cualquier signo, son oprimidos patriarcalmente los dependientes de este poder tanto en las relaciones e instituciones privadas como en las públicas.

Na América Latina a resistência torna-se múltipla, pois plurais e sistemáticas são as formas de opressão exercidas ao longo do processo histórico.² Evidenciando o caráter cruel com que se realizou a colonização do continente pelos invasores europeus (atualmente exercido também por outros atores globais) em seus mais variados períodos. Lagarde (1996, p. 15) aponta mais uma contribuição da categoria gênero às ciências, para a autora o gênero, como elemento de pesquisa, funciona como uma premissa ao estabelecimento de correlações históricas e análise das demandas, culturais, materiais, etc., de diversos povos e da maneira de viver destes, facilitando assim a construção de cenários e apontando caminhos.

¹ Existem discussões dentro do movimento feminista para saber se há influência ou não do patriarcado nas relações de gênero em diversos espaços, teóricas do movimento versam entre posicionamentos considerados estruturalistas ou pós-estruturalistas. Para tanto, há uma espécie de consenso, sobretudo entre as feministas latino-americanas com relação a problemática. De acordo com estas últimas a categoria deve sim ser investigada, na medida em que ainda é fonte intensa de subalternização, sobretudo na esfera local e, de modo que o ato de ignorar essa categoria é, de alguma maneira, passar corroborar com ela ou ocultar indivíduos e suas vicissitudes.

² A concepção pós-colonial, em grande medida na premissa latino-americana, desenvolvidos por Curiel (2009), Lugones (1987; 2011), e, sobretudo, os trabalhos de Quijano (2005) sobre colonialidade do saber e do ser são importantes para a ampliação dessa perspectiva apresentada. Além destas, o profundo trabalho desenvolvido por Galeano (2014) nos direciona a uma perspectiva crítica com relação as análises históricas, sobretudo com a ideia de que a expropriação das diversas riquezas do continente ainda são realizadas por modelos econômicos que se sustentam apenas na medida da exploração de outras estruturas, povos, terras, fatores, etc.



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

A ampliação, proposital, dos objetos de estudos desenvolvidos a partir da concepção de gênero somam-se as múltiplas bandeiras que o movimento feminista atua. Essa heterogeneidade é uma das características que possibilita perceber a fecundidade e a força de atuação do mesmo.

A incorporação de novas perspectivas torna-se urgente em fins do século XX e início do XXI. Não somente as categorias feminino e masculino são analisadas, a problematização social traz consigo um somatório de forças e esforços para quebrar as diversas discriminações existentes.

A procura de modelos normativos motivou, pela concepção de patriarcado (Cf. CONNELL, 1990), uma “caça” aqueles/as que não o desempenham da maneira como este se propõe a ser padronizado. O papel social, desenvolvido pelo indivíduo, não deve sobrepujar o coletivo padronizado. A reprodução, os modelos tradicionais, a religiosidade ocidental devem permanecer inalteradas, para que haja, um “bom” desenvolvimento social. Lugones (2011, p. 106) destaca o papel excludente da Modernidade enquanto projeto, que procura homogeneizar, padronizar e cristalizar padrões, ditando normas. Para ela

La modernidad organiza el mundo ontológicamente en términos de categorías homogéneas, atómicas, separables. La crítica del universalismo feminista hecha por mujeres contemporáneas de color y del tercer mundo se centra en la idea de que la intersección entre raza, clase y sexualidad y género va más allá de las categorías de la modernidad.

Ortega (1996, p. 822) assinala que a revisão da categoria poder é de suma importância para a ampliação dos estudos de gênero e para uma maior afirmação dos “excluídos” da história (Cf. PERROT, 1992). Na medida em que mais mulheres estão ocupando cargos em centros de poder formalizado, em esferas públicas ou privadas. Lagarde (1996, p. 22) contribui com a ideia de construção de novas organizações sociais, a entrada profunda, em superação a superficialidade de algumas políticas de cotas, dentre outras problematizações. Com isso, afirma que

En los últimos tiempos ha cobrado importancia la llamada capacitación en género en las oficinas gubernamentales, las organizaciones civiles, los partidos políticos, las universidades, las iglesias. Y la capacitación es verdaderamente pobre porque sin hacer una pedagogía crítica se dan elementos de manejo superficial de esta perspectiva y sólo porque casi en cada espacio hay mujeres feministas es que ha sido posible impulsar y mantener ciertos contenidos de calidad.



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

O retorno a uma análise limitada meramente a um prisma biológico³ do ser humano, acaba por ignorar sua construção social, psíquica, afetiva e histórica. Ademais, mostra-se resistente em algumas reflexões e impede o avanço da construção de novas posturas diante das novas demandas existentes.

Para Miskolci (2005, p. 12) os “Fenômenos históricos e socialmente criados passaram a ser encarados de forma naturalizada”. A institucionalização e sedimentação de toda essa gama de caracterizações e padronizações sociais de onde quem não está inteiramente mergulhado nela passa a ser marginalizado e, com isso, excluído (PERROT, 1992). A criação de modelos normativos, como o de homem perfeito (branco, heterossexual, rico, cristão) deve ser seguido, assim como pelo feminino e por todos os demais que não possuem essa “sorte”. Por isso, os preconceitos de classe e gênero são tão, largamente, analisados.

Todavia, os estudos sobre gênero, esbarram em limitações teóricas, sociais, etc., seja pela sua multiplicidade teórica⁴, o que para os críticos gera uma incapacidade de conhecimento do todo, seja pelo próprio desconhecimento com relação a temática ou mesmo aos temas analisados por ela, o que nos demonstra que mesmo dentro do movimento feminista não há uma homogeneidade teórica, que está longe de ser uma bandeira levantada pelo próprio feminismo, pois o respeito a identidade de pensamento de cada um/uma é extremamente necessário.

Valdivieso (2012, p. 35) contribui com o alerta ao próprio feminismo latino-americano, na medida de reconhecer que ele mesmo não se encontra livre da colonialidade. A visão política e

³ Lagarde (1996, p. 12) contribui com o diálogo no que se refere a ideia de enclausuramento do sexo enquanto normatização. Para a autora “*El sexo es el conjunto de características genotípicas y fenotípicas presentes en los sistemas, funciones y procesos de los cuerpos humanos, con base en él, se clasifica a las personas por su papel potencial en la reproducción sexual. No hay homogeneidad cultural en la definición de los componentes sexuales ni genéricos. Para la antropología es claro que las características sexuales no implican características genéricas*”. Y es evidente que hay diversas combinaciones de los componentes sexuales en cada persona; a lo largo de la vida el sexo, o conjunto de características sexuales, experimenta cambios paulatinos y rápidos, formales y así se mantiene el resto de la vida, la evidencia muestra que el sexo es dinámico, maleable y cambiante.

⁴ Es importante identificar las diversas cosmovisiones de género que coexisten en cada sociedad, cada comunidad y cada persona. Es posible que una persona a lo largo de su vida modifique su cosmovisión de género simplemente al vivir, porque cambia la persona, porque cambia la sociedad y con ella pueden transformarse valores, normas y maneras de juzgar los hechos (LAGARDE, 1996, p. 2). Nessa direção, contribuem também as análises desenvolvidas por Harding (1993).



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

econômica não exclui a colonialidade de pensamento, de objetos de investigação, uma colonialidade epistemológica.

[...] la colonialidad del saber se hace perfectamente evidente a la hora de rastrear lo que hemos estudiado las investigadoras dedicadas al género o la historia de las mujeres, hemos seguido de alguna manera el molde europeo y la matriz histórica, que dio origen en la época moderna al movimiento feminista. No hemos recogido, por tanto, ni temporal ni socialmente, todo el andar de la lucha de las mujeres latinoamericanas por su emancipación. No se trata de desconocer los aportes de las experiencias de lucha y reflexión del feminismo europeo, ni de excluir “a las de allá”; se trata de no actuar con una perspectiva colonial y establecer relaciones no jerárquicas, también en el ámbito del conocimiento, de los saberes, de la memoria, dentro de la reflexión y práctica de las luchas por la emancipación de las mujeres. [...] Una segunda cuestión o desafío tiene que ver con la imperiosa necesidad de asumir que nuestra (personal) perspectiva de las relaciones de género no es “universal”. La diversidad y pluralidad del ser mujer en Latinoamérica obliga, por ejemplo, a aceptar que la división binaria hombre/mujer, como opuestos jerarquizados no es entendida así por mujeres indígenas. Para establecer los diálogos y las alianzas que requerimos, y avanzar en los procesos de democratización de las relaciones de poder, debemos reconocer las experiencias de vida y respetar las cosmovisiones diferentes.

Advém daí, em nossa visão, uma das mais ricas contribuições do feminismo na construção de uma sociedade equânime. Essa reflexão é necessária na medida em que não se pode obter resultados diferentes utilizando-se de epistemologias androcêntricas. Porém, de certa maneira, Lagarde (1996, p. 24) discorre sobre uma percepção superada acerca dessas críticas onde para ela

Las múltiples distorsiones de la perspectiva de género provienen también de su uso exclusivo para analizar a las mujeres y desarrollar programas con ellas, aun cuando la teoría de género permite analizar, comprender y develar a los hombres. El contenido relacional de la teoría de género es omitido, así como su definición histórica y los contenidos de género de la sociedad, el Estado y la cultura.

Seguindo essa mesma linha de pensamento desenvolvida anteriormente, Harding (1993) afirma que as “realizações da pesquisa feminista, inclusive sua aparente contradição de ser uma pesquisa científica politizada, são explicadas, ainda que de modo subversivo, pelo empirismo feminista e seus conhecidos pressupostos” (HARDING, 1993, p. 10).

Para que, efetivamente, os estudos sobre gênero possam ampliar-se, de maneira abundante, percebe-se uma mudança de mentalidade, que já ocorre, nos mais variados meios e, assim sendo, atingir setores, como a educação básica por exemplo, que demanda um grande tempo e é, a nosso ver, uma fonte de grande capacidade de mudança estrutural. De modo que se queira construir uma sociedade mais equilibrada, dinâmica e que demande um verdadeiro conceito de igualdade de



XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

oportunidades o feminismo, sobretudo na perspectiva pós-colonial, essa é uma linha com a qual não podemos deixar de vislumbrar.

FEMINISMO DESCOLONIAL

O feminismo pós-colonial passa ser desenvolvido em fins dos anos 1970, a partir da ampliação do debate em torno de epistemologias feministas. Por meio de uma perspectiva de empoderamento do discurso por parte das mulheres, sobretudo as engajadas em movimentos sociais ou as acadêmicas como apresenta Lugones e Spelman (1983, p. 574) e Curiel (2009, p. 2). Graf (2012, p. 22), com a qual concordamos, afirma que o feminismo pós-colonial nega a tradição epistêmica que impõe uma hierarquização de saberes, uma espécie de dicotomia epistêmica. Para tanto, diz que

La epistemología feminista estudia lo anterior, abordando la manera en que el género influye en las concepciones del conocimiento, en la persona que conoce y en las prácticas de investigar, preguntar y justificar. Identifica las concepciones dominantes y las prácticas de atribución, adquisición y justificación del conocimiento que sistemáticamente ponen en desventaja a las mujeres porque se les excluye de la investigación, se les niega que tengan autoridad epistémica, se denigran los estilos y modos cognitivos femeninos de conocimiento, se producen teorías de las mujeres que las representan como inferiores o desviadas con respecto al modelo masculino, se producen teorías de fenómenos sociales que invisibilizan las actividades y los intereses de las mujeres o a las relaciones desiguales de poder genéricas, y se produce conocimiento científico y tecnológico que refuerza y reproduce jerarquías de género.

Como podemos observar, são diversas as pautas do que recebe o nome de feminismo pós-colonial, por isso mesmo, não se consegue delimitar com maior nitidez a sua gama de pressupostos, teóricos e metodológicos, pois ao mesmo tempo que é considerado subversivo, pelo modelo tradicional de ciência, ele é geograficamente muito extenso, percorrendo quase todas as dimensões do globo. Curiel (2009, p. 3) nos apresenta uma visão mais crítica do cenário onde o feminismo pós-colonial está inserido. A autora afirma que

Esta colonialidad ha atravesado también al feminismo, incluso feminismo hegemónico de América Latina y otros países del Tercer Mundo. Lo que ha generado que las mujeres del tercer mundo sean representadas como objeto y no como sujetos de su propia historia y experiencias particulares, lo que ha dado lugar a una autorepresentación discursiva de las feministas del primer mundo que sitúa a las feministas no europeas en el “afuera” y no “a través” de las estructuras sociales, vistas siempre como víctimas y no como agentes de su propia historia con experiencias importantes de resistencias y luchas y teorizaciones.



XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

Lugones (2011, p. 110), analisando a obra de Quijano, concorda com a ideia desenvolvida pelo autor acerca das diversas colonialidades, destacando-se: do poder, com hierarquias, dicotomias (urbano *versus* rural); do saber, com uma hegemonia do conhecimento eurocêntrico; do ser, subjetivada em condição inferior, o outro, e, por fim, da natureza, que deve estar sob domínio. No entanto, a mesma, insere uma nova categoria, a de colonialidade de gênero. Onde conceitua da seguinte forma

... tengo razón sobre la colonialidad del género, en la distinción entre lo humano y lo no humano, el sexo tenía que permanecer solo. Género y sexo no podían ser al mismo tiempo vinculados inseparablemente y racializados. El dimorfismo sexual se convirtió en la base para la comprensión dicotómica del género, la característica humana. Una podría estar interesada en argüir que el sexo que permanecía solo en la bestialización de los colonizados, estaba, después de todo, generizado. Lo que es importante para mí aquí es que al sexo se le hacía estar solo en la caracterización de los colonizados (LUGONES, 2011, p. 107-108).

Esse ponto de vista também é corroborado por Connell (2012, p. 13), onde para ela “A estruturação colonial da realidade social não termina com a descolonização formal, como Quijano, entre outros, enfatizou. Uma ciência social adequada globalmente deve se preocupar com as formas tomadas pelo encontro colonial após a independência política”.

Os últimos anos 1980 até a primeira metade da década de 1990 é marcada como o momento dos fundamentos teóricos do movimento feminista como um todo, nas mais diversas configurações. A publicações de Harding (1993); Lugones (1987; 2011); Scott (1992a, 1992b, 1995); Lagarde (1990, apesar da nossa edição utilizada ser de 2011, 1996); Perrot (1992), Connell (1990; 2012) e são provas desse surgimento de uma epistemologia feminista, além de outras que foram fundamentais para esse processo.

Uma forte concepção quebrada é a de homogeneidade feminina. Para as feministas, sobretudo as destacadas em nosso texto, não há uma mulher universal, global, total. Não existe essa figura generalizadora que procura uniformizar a tudo e a todos/as, conforme afirma Harding (1993).⁵ Corroborando com essa concepção, Lage afirma que “a universalidade é algo muito

⁵ Nessa mesma linha Longino (2008) salienta sobre a multiplicidade de perspectivas que uma epistemologia feminista levanta. “Não existe uma epistemologia feminista única. O que existe é uma superabundância de ideias, aproximações e argumentos que têm em comum somente o comprometimento de seus autores com a exposição e a reversão da derrogação das mulheres e do preconceito de gênero das fórmulas tradicionais”. (LONGINO, 2008, p. 513).



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

questionável e ela está diretamente vinculada às estruturas de poder. Quando maior a hegemonia mais se afirma o discurso da universalidade” (LAGE, 2008, p. 206). Daí a localização do objeto de estudo e, mesmo assim, com recorte ainda maior, já que compreendemos uma multiplicidade de mulheres e, conseqüentemente, dinâmicas plurais. No entanto, entender que essas perspectivas teóricas feministas possuem, em grande medida, pontos em comum que, em sua maioria, é a de desconstruir a ideia de homem como universal e assim categorizar e ampliar discussões em torno dos problemas de gênero (SCOTT, 1992a, p. 24), (SCOTT, 1992b, p. 67-74), (CANAVAE, 2009, p. 98).

Espinoza-Miñoso (2014, p. 202) destaca a ideia de que as vertentes do pensamento feminista, especialmente aqueles que possuem matriz branca, eurocêntrica, heteronormativa e burguesa, devam ser questionadas, na medida em que nem todas as propostas empreendidas possam ser consideradas libertadoras, já que se balizam, muitas delas, em fundamentos que vão de encontro ao proposto pela teoria. A autora passa a evidenciar as possibilidades de construção empreendidas mediante à utilização do chamado feminismo pós-colonial e sua “desobediência epistêmica”.

Las feministas descoloniales recuperamos las críticas que se han realizado al pensamiento feminista clásico desde el pensamiento producido por voces marginales y subalternas de las mujeres y del feminismo. Partimos por reconocer que ese pensamiento feminista clásico ha sido producido por un grupo específico de mujeres, aquellas que han gozado de privilegio epistémico gracias a sus orígenes de clase y raza. El feminismo descolonial produce una genealogía del pensamiento producido desde los márgenes por feministas, mujeres, lesbianas y gente racializada en general; y dialoga con los conocimientos producidos por intelectuales y activistas comprometidos con dismantelar la matriz de opresión múltiple asumiendo un punto de vista no eurocentrado.

Intelectuais dos estudos pós-coloniais procuram responder aos questionamentos inseridos pela concepção de ciência eurocêntrica na medida da valorização dos saberes locais e trabalhando categorias que não são o centro de discussão dessa proposta. Sendo assim, uma concepção pós-colonial feminista funda-se na autovalorização das mulheres enquanto produtoras de ciência assim como na militância da construção de justiça e equidade social, de maneira concreta.

Concordamos com a definição de feminismo trazida por Lugones e Spelman (1983, p. 573) que fala sobre a afirmação do próprio discurso, uma visibilidade do mesmo. Ainda nos dizem que o feminismo é uma resposta ao discurso hegemônico masculino que humilha as mulheres, como se vê



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

O feminismo é, entre outras coisas, uma resposta ao fato de que as mulheres ou foram deixadas de fora, ou incluídas em formas humilhantes e desfigurantes no que tem sido uma conta quase exclusivamente masculina do mundo. E assim, enquanto parte do que as feministas querem e procuram de mulheres é o direito de circular e de agir de acordo com nossas próprias vontades e não contra elas, outra parte é o desejo e a insistência de que nós damos nossas próprias contas desses movimentos e ações. Por isso é importante para nós o que é dito sobre nós, quem diz isso, e para quem é dito: ter a oportunidade de falar sobre a própria vida, para dar conta de que, para interpretá-lo, é essencial para conduzir essa vida ao invés de ser conduzido por ele; daí a nossa desconfiança em relação ao monopólio masculino sobre as contas da vida das mulheres. Tradução nossa.

Para nós, compreender os limites epistêmicos de uma determinada metodologia é, sobretudo, potencializá-la, na medida em que concebemos as construções teóricas como estando postas em questionamento, procuram, de alguma forma, ser respondidas de maneira mais concreta. Há um relevante papel desempenhado pela academia no sentido de trazer instrumentos, teórico-metodológicos, aos feminismos e, estes por sua vez, estes poderem ser vistos em temporalidades distintas geo-histórias, por exemplo, na América Latina com os trabalhos de Graf (2012), Lagarde (1996, 2011), Lugones (1987, 2011), Valdivieso (2012), etc., na Europa com as propostas de Perrot (1992) dentre outros/as e nos Estados Unidos as contribuições de Harding (1987; 1993) e Scott (1992a, 1992b, 1995). Assim sendo, houve uma mudança de objeto de estudos das ciências sociais e nas humanidades. Com isso, Harding (1987, p. 4) reforça a ideia de um purismo científico, para ela, No entanto, existem problemas graves em imaginar que esta é a única ou a mais importante para eliminar o sexismo e o androcentrismo da ciência social. Tradução nossa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As investigações acerca das diversas contribuições trazidas mediante a incorporação e implementação de novas concepções epistemológicas rendem amplos trabalhos além de grandes discussões em múltiplos espaços, sejam eles acadêmicos, de grupos feministas, associações de mulheres, entre outros, na tentativa de quebrar as estruturas opressoras que ainda se perpetuam em nossa sociedade.

A contribuição epistemológica realizada a partir das análises pós-coloniais traz consigo uma gama de olhares que se propõem a construir indivíduos combativos, questionadores, que enfrentam



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

as adversidades em busca de construção de melhorias coletivas, sem esquecer-se da ideia de subjetividade. A ocupação de espaços de tomada de poder, como apontado no texto, é também um caminho, é ao mesmo tempo questionar essas estruturas e se apropriar das mesmas para poder quebrá-las, a partir de seu interior. É também, valorizar aquelas iniciativas que não estão necessariamente vinculadas as instâncias de poder, quer sejam públicas ou privadas. Observar as formas de organização de mulheres em pequena escala dá uma dimensão mais ampla de como pode se processar esse fenômeno.

As ciências, em grande medida as sociais e humanas, são aquelas que procuram desencadear essas reflexões no campo acadêmico, não se limitando somente a ele, já que concebemos o conhecimento como algo dinâmico e que não pode ser dissociado de uma *práxis* de vida, de luta, de melhoramento.

O movimento feminista fornece a todo instante novas abordagens e problemáticas que visam afazer com que o conhecimento não se torne estanque, ele esteja sempre em construção. A influência teórica, desempenhada pelo feminismo, em grande medida após as décadas de 1960 e 1970, podem ser observadas de maneira concreta na luta empreendida em muitas frentes. A mudança do paradigma epistemológico dominante, arraigado a modernidade, para uma epistemologia de luta e verdadeiramente igualitária é mais uma bandeira do movimento, em grande medida em sua realidade latino-americana. A revisão de temas, teorias, posicionamentos entre outros é uma constante que deve ser levada em consideração, haja vista a multiplicidade de conhecimento e as demandas que ainda não problematizadas de maneira ampla.

REFERÊNCIAS

Alonso, G., Díaz, Raúl. (2012). *Reflexiones acerca de los aportes de las epistemologías feministas y descoloniales para pensar la investigación social*. In *Debates Urgentes, Dossier: Pensamiento crítico y cambio*, Año 1, nº 1, Pp. 75-92.

Canavae, Doris Lamus. (2009). *Localización geohistórica de los feminismos latino-americanos*. In: *Polis, Revista de la Universidad Bolivariana*, Volumen 8, Nº 24. Pp. 95-109.

Connell, Raewyn W. (2012). *A iminente revolução na teoria social*. Tradução de João Maria. In: *Revista Brasileira de Ciência Sociais*. Vol. 27, nº 80, outubro. Pp. 09-20.



**XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

_____. (1990). *Como teorizar o patriarcado?* In: Educação & Realidade. V. 16, nº 2, jul/dez. UFRGS, Porto Alegre.

Curiel, Ochy. (2009). *“Descolonizando el feminismo: una perspectiva desde America Latina y el Caribe”*. In: Primer coloquio latinoamericano sobre praxis y pensamiento feminista, Buenos Aires.

De Barbieri, Teresita. (1998). *Acerca de las propuestas metodológicas feministas*. In Bartra, Eli (Comp.). *Debates en torno a una metodología feminista*. México. UAM – Xochimilco. Pp. 103-139.

Espinosa-Miñoso, Yuderkys. (2014). *El feminismo descolonial como epistemología contrahegemónica*. In Funck, Susana Bornéo; Minella, Luzinete Simões; Assis, Gláucia de Oliveira (Orgs.). *Linguagens e narrativas*. Ed. Copiart, Tubarão. (Desafios feministas, vol. 1). Pp. 201-216.

Galeano, Eduardo. (2014). *As veias abertas da América Latina*. Tradução de Sergio Faraco. L&PM, Porto Alegre.

Graf, Norma Blazquez. (2012). *Epistemología feminista: temas centrales*. In: Graf, Norma Blazquez; Palacios, Fátima Flores; Everardo, Maribel Ríos (Coord.). *Investigación feminista, metodología y representaciones sociales*. UMAM, CIICH: CRIM: Facultad de Psicología. Ciudad de México. (Colección Debate y Reflexión).

Harding, Sandra. (1993). *A instabilidade das categorias analíticas na teoria feminista*. In: Revista Estudos Feministas, nº 1. Pp. 7-32.

_____. (1987). *Is there a feminist method?* In: HARDING, Sandra G. (Ed.). *Feminism and methodology*. Indiana University Press, Bloomington/Indianapolis.

Lagarde, Marcela. (2011). *Los cautiveiros de las mujeres: madresposas, monjas, putas, presas y locas*. Horas y Horas la Editorial, Madrid.

_____. (1996). *Género y feminismo: Desarrollo humano y democracia*. 2ª edición. Ed. Horas y Horas, España. (Cuadernos inacabados, Vol. 25).

Lage, Allene Carvalho. (2008). *Entre hegemonias e subalternidades, discursos e militâncias que apontam para uma ciência pós-colonial: é possível uma ciência mestiça?* In: SABERES. Revista do Observatório dos movimentos sociais. Ano I, nº 01, jul./ago./set./out.

Longino, Helen E. (2008). *Epistemologia feminista*. In: Greco, John. Sosa, Ernest (Orgs.). *Compêndio de epistemologia*. Tradutores Alessandra Siedschlag Fernandes e Rogério Bettoni. Edições Loyola, São Paulo.

Lugones, María. (2011). *Hacia un feminismo descolonial*. In: *La manzana de la discordia*. Vol. 6, No. 2: Julio – Diciembre. Pp. 105-119.



XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

_____. (1987). “Playfulness, ‘World’: Traveling, and Loving Perception”. *Hypatia*, v. 2, n. 2.

Lugones, María; Spelman, Elizabeth V. (1983). *Have we got a theory for you! Feminist theory, cultural imperialism and the demand for ‘the woman’s voice’*. In: *Women’s Studies Int. Forum*, vol. 6. Pp. 573-581.

Matos, Maria Izilda S. de. (2002). *Da invisibilidade ao gênero: percursos e possibilidades nas Ciências Sociais contemporâneas*. In *Margem*. Nº 15. São Paulo. Pp. 237-252.

Miskolci, Richard. (2005). *Do desvio às diferenças*. In: *Revista Teoria & Pesquisa*, nº 47, Jul/Dez. Pp. 9-41.

Ortega, Margarita. (1996). *Historia y género*. In *Realidad*, nº 54. Nov-dic: El Salvador.

Perrot, Miclelle. (1992). *Os excluídos da história: operários, mulheres e prisioneiros*; tradução Denise Bottmann. 2ª edição. Paz e Terra, Rio de Janeiro. (Oficinas de História).

Quijano, Aníbal. (2005). *Colonialidade do poder, Eurocentrismo e América Latina*. In: Lander, Edgardo (Org.) *A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas*. CLACSO, Ciudad Autónoma de Buenos Aires. Pp. 227-278. (Colección Sur Sur).

Scott, Joan. (1995). *Gênero: uma categoria útil para a análise histórica*. Tradução de Chistine Rufino Dabat e Maria Betânia Ávila. SOS Corpo, Recife.

Scott, Joan W. (1992a). “Experience”. In: Butler, Judith; Scott, Joan W. (Ed.) *Feminists theorize the political*. Routledge: New York.

Scott, Joan W. (1992b). *História das Mulheres*. In: Burke, Peter (Org.) *A Escrita da História: Novas Perspectivas*. Editora da Universidade Estadual Paulista, 2ª reimpressão, São Paulo. Pp. 63-95.

Valdivieso, Magdalena. (2012). *Aportes e incidencia de los feminismos en el debate sobre ciudadanía y democracia en América Latina*. In: Carosio, Alba. *Feminismo y cambio social en América Latina y el Caribe*. (Colección Grupos de Trabajo). CLACSO, Buenos Aires. Pp. 19-42.